04-08-2025

O Método de Ramazzini (XVII)

"As Doenças dos Iatraliptas (Massagistas) e dos Banhistas"

Rosangela Gaze

[Médica sanitarista. Professora aposentada do IESC/UFRJ. Blog Multivisat.]

Agnes Garal pediu-me para substituí-la na conversa sobre "*As Doenças dos Iatraliptas*" (Ramazzini, 1700, p.45-6), "*dos Banhistas*" (p.161-3) e das "*Nutrizes*" (p.113). Como sabem, o prefixo grego "*Iatra*" relaciona-se à prática médica, de onde deriva, p.ex., as especialidades Pediatria e Geriatra. Na época de Ramazzini, os trabalhadores que serviam nas termas ou banhos públicos eram denominados *Iatraliptas* (*Massagistas*) e *Banhistas (Aguadeiros)*, mais tarde "*cirurgiões*" ou "*barbeiros-cirurgiões*", e realizavam procedimentos invasivos. Acrescentei "*Nutrizes*" – mais conhecidas como amas-de-leite (por afeto ou remuneração) – por uma peculiaridade (que não escapou ao Mestre) no adoecimento destas trabalhadoras (mulheres, claro). Assim como os Massagistas e Aguadeiros das termas (homens, por discriminação de gênero desconhecida à época), essas três categorias de artífices eram afetadas pela sífilis relacionada ao trabalho e pelos danos decorrentes do tratamento com mercuriais utilizados no Renascimento, Iluminismo e até a primeira metade do século XX. Na antiga Roma, nos conta o Mestre, havia termas em cada bairro, algumas luxuosas, erigidas pelos imperadores, que desejavam agradar o povo oferecendo banhos diários a preços módicos (gratuitos às crianças). ..... Ainda hoje nos referimos a balneários, inclusive brasileiros, como lugares onde as atividades de lazer (banhos e consumo de águas) se misturam a práticas terapêuticas. Massagens, banhos, ingestão de águas minerais, aplicação de unguentos, etc., adquirem novos significados nas modernas terapias holísticas de preservação/reparação da saúde com princípios da natureza. Ruínas romanas magníficas dessas construções hoje são palco de espetáculos musicais. ..... Havia uma multidão de Banhistas trabalhando nessas termas, "*passavam a vida atendendo aos que se banhavam nas úmidas câmaras, estufas, nas águas tépidas ou nas frias, lavando o suor e o sujo dos corpos e cobrindo-os com unguentos perfumados e até depilando-os.* Em versos, Lucílio dizia: *"Me raspam, sacodem, desbastam, alisam, embelezam, depilam e pintam"*. Esses *operários aquáticos* (ou *aquários*) apresentavam: *caquexia, tumores nas pernas, chagas, inflamações e anasarca* [inchaço generalizado]. *Como pude observar, são pálidos, amarelados e portadores de doenças que procuram curar nos outros.*" Segundo o Mestre, os balneários caíam em desuso, mas "*Em nossa época, os que sofrem de afecções cutâneas, como sarna, tinha* [micose cutânea] *e mal gálico* [sífilis], *vão a banhos e a estufas, onde os banhistas os asseiam, aplicam ventosas escarificadas com que retiram abundante sangue*[1] e unguentos mercuriais. Os Iatraliptas (Massagistas), *cirurgiões encarregados de untar com o mercúrio os enfermos de lues venérea*, eram igualmente afetados pela intoxicação por mercúrio, cuja eficácia no tratamento da sarna dos animais levou os antigos a utilizá-lo em humanos. Ramazzini, pois, vai além do que até hoje negligenciamos. Relaciona a contaminação por sífilis – clássica infecção sexualmente transmissível[2] – no trabalho.

Ramazzini, cujo método reconhece a desigualdade de classes sociais no trabalho, leciona: *Os que friccionam com unguento de mercúrio os portadores de sífilis são colocados entre os profissionais da mais baixa condição, metidos no negócio com fins de lucro, de modo que cirurgiões eminentes rechaçam tão sórdido mister como repugnante e pleno de perigos. Embora usem luvas, não conseguem proteger-se suficientemente para que os átomos do mercúrio não cheguem às mãos, passando através do couro.* Ocorria também aspiração de partículas durante o preparo do mercúrio (filtração e purificação sob aquecimento) *ocasionando estragos terríveis no cérebro e nos nervos. Tremem as mãos, têm vertigens, disenteria, cólicas, salivação excessiva.* Como prevenção – outro passo de seu Método – o Mestre orienta ser conveniente que os enfermos *se untem com suas próprias mãos*, para que o *calor produzido pelo movimento dos braços* aprimorasse a penetração do unguento e evitasse riscos ao cirurgião. Não lhe foi possível prever que os infectados pela sífilis seriam cumulativamente intoxicados pelo mercúrio, como ocorreria durante séculos no mundo, inclusive no Brasil, até o surgimento dos medicamentos arsenicais (também tóxicos) e, nos anos 1950, da penicilina, que impactou positivamente o controle. Com seu método inovador de escutar os trabalhadores, Ele identifica a contaminação por sífilis das amas-de-leite: "*Da mesma forma, a nutriz que amamenta uma criança infectada contrai a lues primeiramente nos seios, daí levando ao menino, para a boca e para a garganta, os primeiros germens do mal gálico, com os consequentes padecimentos*". No Brasil (séc. XIX), essas trabalhadoras – muitas escravas ou ex-escravas –, "*contaminadas pelo menino de peito alastrando-se por esse meio, da casa-grande à senzala*", eram discriminadas e não mais aceitas nesse ofício para que não transmitissem a doença a outros recém-natos (Freyre, citado por Gutierres, 2013, p.128), na maioria filhos das mesmas elites que as contagiaram. A história da Sífilis (e de outros agravos) – cujas relações com o trabalho, as desigualdades sociais e o racismo estrutural são negligenciadas – é um dos horrendos capítulos da pesquisa científica em cobaias humanas. O filme "Cobaias" (*Joseph Sargent*, 1997, 2h), baseado em fatos, mostra o Estudo *Tuskegee*, no Alabama/EUA, coordenado pelo serviço de saúde pública estadunidense entre 1932 e 1972 (que repetiu estudo realizado na Noruega em 1929 com os propósitos e resultados similares). Tendo como 'assujeitados' da pesquisa 600 homens negros camponeses (399 com e 201 sem sífilis), a quem não se informou o diagnóstico e o prognóstico da sífilis, observou o curso da doença sem tratamento. Nos 1950, já havia penicilina e o Código de Nuremberg com as fundantes diretrizes éticas para a pesquisa em seres humanos. Os resultados de *Tuskegee* foram apresentados em congressos e publicados em periódicos científicos sem restrições. Coube à imprensa noticiar as mortes da pesquisa e denunciar o projeto. O governo estadunidense, pressionado, emitiu um pedido formal de desculpas. Há desculpas?

Ramazzini, se aqui viesse, conclamaria:
A Saúde no Trabalho é um Direito Humano!

▪▪▪

Nota: 1. Ventosas, escarificações, moxas, sangrias, sanguessugas foram tratamentos bastante utilizados na medicina antiga ocidental e oriental. A aplicação de ventosas e moxas é prevista na atual *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde.*; 2. Transmissível também da gestante e da mãe, se não tratadas, ao bebê no parto e aleitamento e por transfusão de sangue contaminado.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.